

Voluntariado e o livre-arbítrio

*É muito fácil estar contente
Quando a vida flui como uma canção,
Mas o ser humano digno e valente
É aquele que sorri,
Quando tudo é provação.*

A maior parte das vezes, a grande dificuldade que tenho, nestes pequenos textos que aqui vamos publicando, é sobre o próprio tema a desenvolver. Felizmente vou recebendo algumas sugestões que funcionam como gatilho para o trabalho a realizar. Desta vez foi-me sugerido falar sobre voluntariado e comecei logo a pensar na melhor forma de abordar este tema. Mas por feliz coincidência (que nós sabemos que não existem) tive a oportunidade de assistir a uma reportagem na TV sobre toxicodependência, e logo no dia a seguir aconteceu uma conversa informal com uma pessoa amiga, também relacionada com o assunto. Fiquei com o caminho muito mais facilitado.

Já aqui foi dito vezes sem conta que o nosso desenvolvimento espiritual está muito mais dependente do serviço que prestamos aos outros do que da leitura de centenas de livros sobre o assunto, ou de qualquer forma de penitencia ou recolhimento. Estar sentado numa poltrona a “devorar” uma biblioteca pode, quando muito, ser útil para adquirirmos alguns ensinamentos e despertar a curiosidade sobre temas mais elevados, mas se não passarmos à prática, continuaremos quase tão rígidos como no início. O mesmo se passa com aqueles que se decidem por uma vida mais contemplativa e se recolhem em mosteiros ou em retiros espirituais. Pode ser útil pontualmente para que a pessoa tenha oportunidade de se regenerar, mas temos que ter sempre presente que *“o serviço amoroso e desinteressado ao próximo, é o caminho mais curto, mais seguro e mais agradável que nos conduz a Deus”*.

Seja através de organizações de voluntariado, seja por intervenção directa na nossa esfera mais próxima, ajudar os outros deve estar sempre presente no nosso dia-a-dia. Mas Max Heindel por diversas vezes nos alerta para o “orgulho intelectual”. Por melhores que sejam as nossas intenções não podemos obrigar ninguém a aceitar a nossa ajuda e a seguir um caminho mais “correcto”, nem tão-pouco ficar à espera de agradecimentos pelo trabalho que tenhamos realizado. Ser voluntário implica uma total capacidade para respeitar o outro e se colocar no lugar dele – aquilo que normalmente se designa como Empatia, – sem qualquer tipo de superioridade, reconhecendo que todos somos iguais perante Cristo. Tal como vimos na reportagem sobre os toxicodependentes, os voluntários não julgam, não recriminam, não impõem. Levam roupas e alimentos, limpam, recolhem seringas, conversam, dão apoio e mostram-se disponíveis para o caso da pessoa querer mudar de vida. E voltam uns dias depois para repetirem o mesmo ritual. E a situação é idêntica no caso dos sem-abrigo, das pessoas que estão mentalmente perturbadas, dos marginais, etc.. A todos deve ser dada oportunidade

de se regenerar e mudar de vida, mas deixar que seja a pessoa a decidir livremente, sem que isso implique um virar de costas.

Algumas pessoas são tentadas a pensar que seria muito mais fácil agarrar nessas pessoas e colocá-las em centros de recuperação. Independentemente da ilegalidade da acção, o que é um facto é que estaríamos a condicionar o livre-arbítrio de cada um e a interferir na Epigénese desse Espírito – *“A vida progride não só pela Involução e pela Evolução, mas especialmente pela Epigénese. Esse sublime ensinamento religioso da Sabedoria Ocidental dos Rosacruz explica muitos mistérios que de outro modo não teriam uma solução lógica”*.

Se até no ritual do Serviço de Cura que fazemos semanalmente, Max Heindel sentiu necessidade de colocar o alerta explícito para que as nossas súplicas se concretizem mas de acordo com a vontade do Pai e não da nossa, o que dizer de acções mais concretas e directas sobre as pessoas. Nunca sabemos, nem temos que o saber, quais as necessidades do Espírito que habita naquele corpo, e quais as provas a que tem que ser submetido para que possa evoluir.

Mas também não podemos voltar as costas e aliviar a nossa consciência pensando que se o outro está assim é porque precisa para evoluir – A Deus o que é de Deus, ao homem o que é do homem – façamos a nossa parte ajudando com empatia e respeito pela individualidade de cada um. O resto terá outras intervenções...

António Neves

12-04-2021